

SÍNODO DOS BISPOS  
ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA  
A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA

**AMAZÔNIA:**  
**NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA**  
**E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL**

INSTRUMENTUM LABORIS



© 2019

Título original: *Instrumentum Laboris per l'Assemblea Speciale del  
Sinodo dei Vescovi per la Regione Panamazzone*

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Maria Goretti de Oliveira*

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Ana Cecília Mari*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Produção de arte: *Tiago Filu*

1ª edição – 2019

---

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

---

**Paulinas**

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

# SUMÁRIO

Introdução .....	9
<b>Parte I. A voz da Amazônia.....</b>	<b>13</b>
Capítulo I. Vida.....	15
Capítulo II. Território .....	23
Capítulo III. Tempo ( <i>Kairós</i> ) .....	29
Capítulo IV. Diálogo.....	33
<b>Parte II. Ecologia integral: o clamor da terra e dos pobres.....</b>	<b>39</b>
Capítulo I. Destruição extrativista.....	41
Capítulo II. Povos Indígenas em Isolamento Voluntário (PIAV): ameaças e proteção .....	49
Capítulo III. Migração .....	53
Capítulo IV. Urbanização .....	59
Capítulo V. Família e comunidade .....	63
Capítulo VI. Corrupção .....	67
Capítulo VII. A questão da saúde integral .....	71
Capítulo VIII. Educação integral .....	75
Capítulo IX. A conversão ecológica.....	81

<b>Parte III. Igreja profética na Amazônia:</b>	
desafios e esperanças .....	87
Capítulo I. Igreja com rosto amazônico e missionário .....	89
Capítulo II. Desafios da inculturação e da interculturalidade .....	95
Capítulo III. A celebração da fé: uma liturgia inculturada .....	101
Capítulo IV. A organização das comunidades .....	105
Capítulo V. A evangelização nas cidades .....	113
Capítulo VI. Diálogo ecumênico e inter-religioso ...	117
Capítulo VII. Missão dos meios de comunicação....	119
Capítulo VIII. O papel profético da Igreja e a promoção humana integral.....	123

# INTRODUÇÃO

“O Sínodo dos Bispos deve tornar-se cada vez mais um instrumento privilegiado de escuta do Povo de Deus: ‘Para os Padres sinodais pedimos, antes de mais nada, do Espírito Santo, o dom da escuta: escuta de Deus, até ouvir com ele o grito do povo; escuta do povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama’” (EC, 6).

**1.** No dia 15 de outubro de 2017, o papa Francisco anunciou a convocação de um Sínodo Especial para a Amazônia, dando início a um processo de escuta sinodal que começou na própria região amazônica, com sua visita a Puerto Maldonado (19 de janeiro de 2018). O presente *Instrumentum Laboris* é fruto deste vasto processo, que inclui a redação do Documento Preparatório para o Sínodo em junho de 2018; e um amplo inquérito entre as comunidades amazônicas.<sup>1</sup>

**2.** Hoje a Igreja tem novamente a oportunidade de ser ouvinte nessa região, onde há muito em jogo. A escuta implica o reconhecimento da irrupção da Amazônia como um novo sujeito. Este novo sujeito, que não foi considerado

---

<sup>1</sup> À margem deste processo oficial, foram celebrados numerosos seminários, em Washington, D.C., Roma e Bogotá, com peritos em diferentes áreas e com representantes de povos amazônicos, para refletir sobre as questões aqui analisadas.

suficientemente no contexto nacional ou mundial, nem sequer na vida da Igreja, agora constitui um interlocutor privilegiado.

3. No entanto, a escuta não é nada fácil. Por um lado, a síntese das respostas ao questionário por parte das Conferências Episcopais e das comunidades será sempre incompleta e insuficiente. Por outro, a tendência a homologar os conteúdos e as propostas requer um processo de conversão ecológica e pastoral para deixar-se interpelar seriamente pelas periferias geográficas e existenciais (cf. EG, 20). Este processo deve continuar, durante e depois do Sínodo, como um elemento central da vida futura da Igreja. A Amazônia clama por uma resposta concreta e reconciliadora.

4. O *Instrumentum Laboris* consta de três partes: a primeira, o ver-escutar, intitula-se *A voz da Amazônia*, e tem a finalidade de apresentar a realidade do território e de seus povos. Na segunda parte, *Ecologia integral: o clamor da terra e dos pobres*, aborda-se a problemática ecológica e pastoral; e na terceira parte, *Igreja profética na Amazônia: desafios e esperanças*, a problemática eclesiológica e pastoral.

5. Dessa maneira, a escuta dos povos e da terra, por parte de uma Igreja chamada a ser cada vez mais sinodal, começa entrando em contato com a realidade contrastante de uma Amazônia repleta de vida e sabedoria. Continua com o clamor provocado pela desflorestação e pela destruição extrativista, que reclama uma conversão ecológica integral. E conclui com o encontro com as culturas que inspiram os novos caminhos, desafios e esperanças de uma Igreja que

deseja ser samaritana e profética através de uma conversão pastoral. Seguindo a proposta da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), o documento se estrutura com base nas três conversões às quais nos convida o papa Francisco: a conversão pastoral, a qual nos chama através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (ver-escutar); a conversão ecológica, mediante a Encíclica *Laudato Si'*, que orienta o rumo (julgar-atuar); e a conversão à sinodalidade eclesial, através da Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*, que estrutura o caminhar juntos (julgar-atuar). Tudo isso num processo dinâmico de escuta e discernimento dos novos caminhos, ao longo dos quais a Igreja na Amazônia anunciará o Evangelho de Jesus Cristo durante os próximos anos.

## PARTE I

# A voz da Amazônia

“É bom que agora sejais vós próprios a autodefinir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos escutar-vos” (Fr.PM).

6. A evangelização na América Latina constituiu um dom da Providência que chama todos à salvação em Cristo. Apesar da colonização militar, política e cultural, e para além da ganância e da ambição dos colonizadores, numerosos missionários entregaram a própria vida para transmitir o Evangelho. O sentido missional não somente inspirou a formação de comunidades cristãs como também uma legislação, como as Leis das Índias, que protegiam a dignidade dos indígenas contra as violações de seus povos e territórios. Tais abusos provocaram feridas nas comunidades e ofuscaram a mensagem da Boa-Nova; o anúncio de Cristo se realizou frequentemente em convivência com os poderes que exploravam os recursos e oprimiam as populações.

7. Hoje em dia, a Igreja tem a oportunidade histórica de se diferenciar claramente das novas potências colonizadoras, ouvindo os povos amazônicos para poder exercer com transparência seu papel profético. A crise socioambiental abre novas oportunidades para apresentar Cristo em toda



sua potencialidade libertadora e humanizadora. Este primeiro capítulo se estrutura sobre quatro conceitos-chave, intimamente relacionados entre si: vida, território, tempo e diálogo, em que se encarna a Igreja com rosto amazônico e missionário.

## CAPÍTULO I

# VIDA

“Vim para que os homens tenham vida,  
e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

### **Amazônia, fonte de vida**

**8.** Este Sínodo se desenvolve ao redor da *vida*: a vida do território amazônico e de seus povos, a vida da Igreja, a vida do planeta. Como refletem as consultas às comunidades amazônicas, a vida na Amazônia se identifica, entre outras coisas, com a *água*. O rio Amazonas é como uma artéria do continente e do mundo, flui como veias da flora e fauna do território, como manancial de seus povos, de suas culturas e de suas expressões espirituais. Como o Éden (cf. Gn 2,6), a água é nascente de vida, mas também ligação entre suas diferentes manifestações de vida, na qual tudo está interligado (cf. LS, 16, 91, 117, 138 e 240). “O rio não nos separa, mas nos une, ajudando-nos a conviver entre diferentes culturas e línguas.”<sup>1</sup>

**9.** A bacia do rio Amazonas e as florestas tropicais que a circundam nutrem os solos e, através da reciclagem de umidade, regulam os ciclos da água, energia e carbono do planeta. O rio Amazonas lança sozinho no oceano Atlântico,

---

<sup>1</sup> Doc. *Eixo de Fronteiras*, p. 3.

todos os anos, 15% do total de água doce do planeta.<sup>2</sup> Por isso, a Amazônia é essencial para a distribuição das chuvas em outras regiões remotas da América do Sul e contribui para os grandes movimentos de ar ao redor do planeta. Além disso, alimenta a natureza, a vida e as culturas de milhares de comunidades indígenas, camponesas, afrodescendentes, tanto ribeirinhas como urbanas. No entanto, convém destacar que, segundo peritos internacionais, no que diz respeito à mudança climática de origem antropogênica, a Amazônia é a segunda área mais vulnerável do planeta, depois do Ártico.

**10.** O território da Amazônia abrange uma parte do Brasil, da Bolívia, do Peru, do Equador, da Colômbia, da Venezuela, da Guiana, do Suriname e da Guiana Francesa, em uma extensão de 7,8 milhões de km<sup>2</sup>, no coração da América do Sul. As florestas amazônicas cobrem aproximadamente 5,3 milhões de km<sup>2</sup>, o que representa 40% da área de florestas tropicais do globo. Isto corresponde a apenas 3,6% da área de terras emersas do planeta, que ocupam cerca de 149 milhões de km<sup>2</sup>, ou seja, aproximadamente 30% da superfície do nosso planeta. Geologicamente, o território amazônico contém uma das biosferas mais ricas e complexas do planeta. A superabundância natural de água, calor e umidade faz com que os ecossistemas da Amazônia abriguem cerca de 10 a 15% da biodiversidade terrestre, armazenando todos os anos de 150 a 200 bilhões de toneladas de carbono.

---

<sup>2</sup> Cf. Nobre, C. A. et al. (2016). “The Fate of the Amazon Forests: land-use and climate change risks and the need of a novel sustainable development paradigm”. *Proceedings of the National Academy of Sciences, U.S.A.*, 113 (39), September 2016.

## Vida em abundância

11. Jesus oferece uma vida em abundância (cf. Jo 10,10), uma vida repleta de Deus, uma vida salvífica (*zōē*), que começa na criação e se manifesta já no mais elementar da vida (*bios*). Na Amazônia, ela se reflete em sua abundante biodiversidade e em suas culturas. Isto é, uma vida plena e íntegra, uma vida que canta, um hino à vida, como o canto dos rios. É uma vida que dança e que representa a divindade e nossa relação com ela. “Nosso serviço pastoral”, como afirmaram os bispos em Aparecida, constitui um serviço “à vida plena dos povos indígenas [a qual] exige que anunciemos a Jesus Cristo e a Boa-Nova do Reino de Deus, denunciemos as situações de pecado, as estruturas de morte, a violência e as injustiças internas e externas, e fomentemos o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico” (DAp, 95). Procuremos discernir este anúncio e esta denúncia à luz de Jesus Cristo, o Vivente (cf. Ap 1,18), plenitude da revelação (cf. DV, 2).

## O “bem viver”

12. A busca da vida em abundância por parte dos povos indígenas amazônicos se concretiza naquilo que eles definem como “bem viver”.<sup>3</sup> Trata-se de viver em “harmonia consigo mesmo, com a natureza, com os seres humanos e com o Ser supremo, dado que existe uma intercomunica-

---

<sup>3</sup> Em suas línguas encontra-se em diferentes expressões, como *sumak kawsay* em quíchua, ou *suma qamaña* em aimará, ou ainda *teko porã* em guarani. Na filosofia africana, a palavra *ubuntu* significa algo comparável com o *sumak kawsay* quíchua: generosidade, solidariedade, compaixão para com os necessitados e desejo sincero de felicidade e de harmonia entre todos.

ção entre o cosmo inteiro, onde não há excludentes nem excluídos, e que entre todos nós podemos forjar um projeto de vida plena”<sup>4</sup>.

**13.** Essa compreensão da vida se caracteriza pela conectividade e harmonia de relações entre a água, o território e a natureza, a vida comunitária e a cultura, Deus e as diferentes forças espirituais. Para eles, “bem viver” significa compreender a centralidade do caráter relacional-transcendente dos seres humanos e da criação, e supõe um “bem fazer”. Não se podem desconectar as dimensões materiais e espirituais. Esse modo integral se expressa em sua própria maneira de se organizar, que começa pela família e a comunidade, abrangendo uma utilização responsável de todos os bens da criação. Alguns deles falam em caminhar rumo à “terra sem males”, ou em busca do “santo monte”, imagens que refletem o movimento e a noção comunitária da existência.

## Vida ameaçada

**14.** No entanto, a vida na Amazônia está ameaçada pela destruição e exploração ambiental, pela violação sistemática dos direitos humanos elementares da população amazônica.

---

<sup>4</sup> Cf. “El grito del *sumak kawsay* en la Amazonía”, Declaração dos povos e nacionalidades indígenas das regiões de Mesoamérica, Andina Caribe, Cone Sul e Amazônia, reunidos na cidade de Pujili-Cotopaxi com o objetivo de aprofundar o verdadeiro sentido do *sumak kawsay*, em: *home page* do Vicariato de Aguarico; Acosta, Alberto (2008). *El Buen Vivir, una oportunidad por construir*, Ecuador Debate: Quito; cf. “Sumak Kawsa, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-Viver” (Ano X, n. 340, de 23.08.2010), em: IHUOnlineEdicao 340.pdf.

De modo especial, a violação dos direitos dos povos originários, como o direito ao território, à autodeterminação, à demarcação dos territórios e à consulta e ao consentimento prévios. Segundo as comunidades participantes nessa escuta sinodal, a ameaça à vida deriva de interesses econômicos e políticos dos setores dominantes da sociedade atual, de maneira especial de empresas extrativistas, muitas vezes em conivência ou com a permissividade dos governos locais, nacionais, ou das autoridades tradicionais (dos próprios indígenas). Como afirma o papa Francisco, quem persegue tais interesses pareceria estar desligado ou ser indiferente aos clamores dos pobres e da terra (cf. LS, 49 e 91).

**15.** Em conformidade com aquilo que sobressai das múltiplas consultas realizadas em muitas das regiões amazônicas, as comunidades consideram que a vida na Amazônia está ameaçada, sobretudo: (a) pela criminalização e assassinato de líderes e defensores do território; (b) pela apropriação e privatização de bens da natureza, como a própria água; (c) por concessões madeireiras legais e pela entrada de madeireiras ilegais; (d) pela caça e pesca predatórias, principalmente nos rios; (e) por megaprojetos: hidrelétricas, concessões florestais, desmatamento para produzir monoculturas, estradas e ferrovias, projetos minerais e petroleiros; (f) pela contaminação ocasionada por todas as indústrias extrativistas que causam problemas e enfermidades, principalmente para as crianças e os jovens; (g) pelo narcotráfico; (h) pelos consequentes problemas sociais associados a tais ameaças, como o alcoolismo, a violência contra a mulher, o trabalho sexual, o tráfico de pessoas, a perda de sua cultura originária e de sua iden-

tidade (idioma, práticas espirituais e costumes) e todas as condições de pobreza às quais estão condenados os povos da Amazônia (cf. Fr.PM).

**16.** Atualmente, a mudança climática e o aumento da intervenção humana (desmatamento, incêndios e alteração no uso do solo) estão levando a Amazônia rumo a um ponto de não retorno, com altas taxas de desflorestação, deslocamento forçado da população e contaminação, pondo em perigo seus ecossistemas e exercendo pressão sobre as culturas locais. Níveis de 4°C de aquecimento ou um desmatamento de 40% constituem “pontos de inflexão” do bioma amazônico rumo à desertificação, o que significa a transição para uma nova condição biológica geralmente irreversível. E é preocupante que atualmente já nos encontramos entre 15 e 20% de desmatamento.

## **Defender a vida, enfrentar a exploração**

**17.** As comunidades consultadas salientaram também o vínculo entre a ameaça à vida biológica e à vida espiritual, ou seja, uma ameaça integral. Os impactos provocados pela destruição múltipla da bacia pan-amazônica geram um desequilíbrio do território local e global, nas estações e no clima. Isto afeta, entre outras coisas, a dinâmica de fertilidade e reprodução da fauna e flora e, por sua vez, em todas as comunidades amazônicas. Por exemplo, a destruição e a contaminação natural atingem a produção, o acesso e a qualidade dos alimentos. E, nesse sentido, para cuidar responsabilmente da vida e do “bem viver”, é urgente enfrentar tais ameaças, agressões e indiferenças. O

cuidado da vida se opõe à cultura do descarte, da mentira, da exploração e da opressão. Ao mesmo tempo, supõe a oposição a uma visão insaciável do crescimento ilimitado, da idolatria do dinheiro, a um mundo desvinculado (de suas raízes, de seu contorno), a uma cultura de morte. Em síntese, a defesa da vida implica a defesa do território, de seus recursos ou bens naturais, mas também da vida e cultura dos povos, o fortalecimento de sua organização, a plena exigibilidade de seus direitos e a possibilidade de serem ouvidos. Segundo as palavras dos próprios indígenas: “Nós, indígenas de Guaviare (Colômbia), somos/fazemos parte da natureza porque somos água, ar, terra e vida do meio ambiente criado por Deus. Por conseguinte, pedimos que cessem os maus-tratos e o extermínio da ‘Mãe Terra’. A terra tem sangue e está sangrando, as multinacionais cortaram as veias da nossa ‘Mãe Terra’. Queremos que nosso clamor indígena seja ouvido pelo mundo inteiro”.<sup>5</sup>

## **Clamor para viver**

**18.** Ameaças e agressões à vida geram clamores, tanto por parte dos povos como da terra. Começando por esses clamores como lugar teológico (a partir de onde pensar a fé), podemos dar início a caminhos de conversão, de comunhão e de diálogo, caminhos do Espírito, da abundância e do “bem viver”. A imagem da vida e do “bem viver” como “caminho rumo ao santo monte” implica uma comunhão

---

<sup>5</sup> Doc. da Diocese de San José del Guaviare e da Arquidiocese de Villavicencio e Granada (Colômbia, Fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru).



com os companheiros de peregrinação e com a natureza em seu conjunto, isto é, um caminho de integração com a abundância da vida, com a história e com o porvir. Esses novos caminhos se tornam necessários, uma vez que as grandes distâncias geográficas e a megadiversidade cultural da Amazônia constituem realidades que ainda não foram resolvidas no âmbito pastoral. Os novos caminhos se baseiam “em relações interculturais em que a diversidade não significa ameaça, não justifica hierarquias de um poder sobre outros, mas sim diálogo a partir de visões culturais diferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança” (DAp, 97).